

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR:

BRINCAR E JOGAR NA INFÂNCIA

RELATÓRIO FINAL DE MESTRADO

Patrícia Alexandra Rebeca Sousa

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar



Instituto Superior de Educação e Ciências

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Provas para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR: BRINCAR E JOGAR NA INFÂNCIA

Autora: **Patrícia Alexandra Rebeca Sousa**

Orientadora: **Professora Ana Patrícia Almeida**

Agradecimentos

Ao longo de todo este caminho foram várias as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para a concretização deste sonho, e para as quais manifesto um sincero obrigada, nomeadamente:

- À família por todo o amor, apoio e dedicação;
- Aos amigos por todo o apoio e compreensão demonstrados;
- À professora Ana Patrícia Almeida, pela orientação, paciência e disponibilidade;
- Aos professores do ISEC (Instituto Superior de Educação e Ciências) que contribuíram com conhecimentos fundamentais
- Às educadoras que participaram neste estudo;
- E a todas as crianças que tive a oportunidade de conhecer em contexto de estágio.

A todos um muito obrigada.

Resumo

O relatório que aqui se apresenta dá conta de um estudo de natureza qualitativa, que se desenvolve em torno da temática *A importância do brincar*. Com base numa aproximação prévia ao tema em estudo, definiram-se como questões iniciais de investigação: de que forma o ato de brincar e o jogo promove o desenvolvimento global das crianças, bem como as aprendizagens das mesmas? E qual a importância dada pelos educadores aos momentos de brincadeira? E se estes colocam na sua planificação um tempo destinado ao brincar?

Vários autores tais como Vygotsky (1984, cit. por Dallabona & Mendes, 2004); Moyles (2002) & Mauriras – Bousquet (1986, cit. por Silva, 2003) sublinham que o momento de brincar ou jogar é fundamental, tanto para o desenvolvimento integral como para a aprendizagem das crianças. Uma criança que tem oportunidade de brincar desenvolve-se cognitivamente, socialmente, afetivamente e fisicamente e desta forma, o brincar, as brincadeiras e os jogos contribuem positivamente para o d

Atendendo ao quadro teórico do tema em estudo e às questões de pesquisa delineadas, o estudo empírico desenvolvimento global das crianças. Se a aprendizagem for feita através do brincar e das brincadeiras, esta torna-se mais significativa, pois trata-se de uma aprendizagem lúdica, espontânea e natural., de carácter exploratório, teve por base a realização de entrevistas semiestruturadas a seis educadoras de infância, que desenvolvem a sua prática há diversos anos. Pretendia-se conhecer as representações destas profissionais sobre o ato de brincar e as suas práticas em relação aos momentos de brincadeira; bem como conhecer e compreender as suas conceções sobre a evolução e as alterações sentidas, com o passar dos anos, nas brincadeiras das crianças.

Os resultados permitem antecipar que o brincar e as brincadeiras que as crianças têm são a forma natural de estas explorarem o que as rodeia, se desenvolverem e aprenderem com base nas suas experiências e vivências. Todos os educadores, acreditam nos benefícios do brincar, mas apenas alguns criam diariamente o tempo destinado à brincadeira livre ou estruturada na sua planificação, sendo que outros só permitem que as crianças o façam após as atividades mais dirigidas.

Palavras-chave: Brincar, jogar, desenvolvimento, aprendizagem, criatividade.

Abstract

The report presented represents a qualitative study, which develops around the topic The Importance of Play. Based on a preliminary approach to the subject under study, the following research questions were defined: How the Play boosts the children overall development and the relation with their learning? And what is the importance given by educators to moments of joke? And if they put in their planning for some time to play?

Several authors such as Vygotsky (1984, cit by Dallabona & Mendes, 2004.); Moyles (2002) & Mauriras - Bousquet (. 1986 cit by Silva, 2003) highlight that the time for play is critical, both for the integral development and the learning of children. A child that has the opportunity to play develops cognitively, socially, emotionally and physically and thus the play contribute positively to the overall development of children. If learning is done through play it becomes more significant, because it is in a playful, spontaneous and natural learning.

Given the topic of the theoretical framework outlined in the study and research questions, the empirical study of exploratory character, was based on the realization of semi-structured interviews to six kindergarten teachers, who develop their practice for several years. The aim was to understand their representations regarding the act of playing and their practices in relation to moments of play; and their conceptions about the evolution of the importance given to play..

According to the results founded in the studied play is the natural way for children to explore the environment that surround, to develop and learn based on their experiences All educators, believe in the benefits of play, but only a few create time for the free or structured play in their daily planning, while others only allow children to do so after more directed activities.

Keywords: Playing, Development, Learning, Creativity

Índice geral

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Introdução	1
Capítulo 1 - Quadro de referencial teórico	3
1. Desenvolvimento global das crianças através da brincadeira e dos jogos:	3
2. Aprendizagem através do brincar/ jogar	7
3. Criatividade através do brincar e do jogar	11
4. Brincadeiras e jogos	13
4.1 Tipos de brincadeira	13
4.2. Brincar na escola e dentro da sala	15
4.3. Tipos de jogos	17
5. Evolução do ato de brincar através do tempo	19
Capítulo 2 - Problematização e Metodologia	21
2.1 Problema, objetivos e questões de investigação	21
2.2 Paradigma	21
2.3 Participantes	23
2.4 Instrumentos de recolha de dados	23
2.4.1. Entrevista	23
2.5.Tratamento e análise de dados	27
Capítulo 3 - Apresentação e discussão dos resultados	29
Considerações finais	34
Referências bibliográficas	37
Anexos	40
Anexo 1 – Guião da entrevista	41
Anexo 2 – Exemplar da grelha de análise de conteúdo	43
Anexo 3 – Análise de conteúdo da entrevista EM	45
Anexo 4 – Análise de conteúdo da entrevista EO	48
Anexo 5 – Análise de conteúdo da entrevista ER	52
Anexo 6 – Análise de conteúdo da entrevista EI	55
Anexo 7 – Análise de conteúdo da entrevista EC	59
Anexo 8 – Análise de conteúdo da entrevista ES	63

Introdução

A temática deste estudo está relacionada com a importância que os momentos de brincadeiras e de jogos têm para o desenvolvimento e para as aprendizagens das crianças pequenas, sendo esta a questão problema deste estudo.

Esta questão surgiu após a reflexão sobre a criança e sobre aquilo que esta mais gosta de fazer, que é brincar. Pensou-se sobre os momentos de brincadeira e se estes podem, de alguma forma, contribuir para o desenvolvimento global das crianças e também para as aprendizagens das mesmas.

Sendo o brincar, uma atividade que a criança realiza quase desde o seu nascimento, significa que o faz de forma espontânea e natural, e por isso a passagem de conhecimentos desta forma seria mais simples, ou seja, a brincar a aprendizagem seria mais significativa para a criança.

Outro aspeto que se teve em atenção neste estudo, foi o espaço ou importância que é dada por parte dos educadores de infância, aos momentos de brincadeira, seja esta livre ou mais dirigida e aos momentos em que as crianças selecionam determinados jogos, de forma autónoma. Se de facto estes momentos, de pura diversão para a criança são planificados pelos educadores.

Por todas estas questões, acima mencionadas, realizou-se entrevistas a seis educadoras de infância, para se conseguir perceber a importância que estas dão ao brincar, e a tudo aquilo que envolve estes momentos e também para compreender e conhecer as suas práticas, no que diz respeito a esta temática da brincadeira.

Inicialmente surge o quadro teórico, onde as ideias são teoricamente defendidas por autores que também consideram esta temática importante. É mencionado e associado o brincar e o jogar ao desenvolvimento global das crianças, às suas aprendizagens, à criatividade e como esta pode estar presente nas brincadeiras, nomeadamente em situações onde as crianças brincam ao faz de conta, pois imaginam e criam diversos cenários, e ainda são apresentados alguns tipos de brincadeiras e de jogos diferentes. Destaca-se também a temática do brincar, tanto na escola como na sala e ainda as evoluções ou alterações que o brincar e a forma como as crianças o fazem, têm sofrido

ao longo dos anos, sendo que as principais causas são também referidas, neste mesmo capítulo.

O segundo capítulo deste relatório diz respeito à problematização e metodologia, onde se pode ler qual foi a problemática selecionada, quais os objetivos e questões de estudo que surgiram quando se começou a ponderar sobre a grande temática do brincar e do jogar na infância. Neste mesmo capítulo pode-se encontrar o paradigma que mais se adequa a este estudo, os participantes que de forma ativa contribuíram e participaram no estudo, o instrumento escolhido para recolher os dados e ainda a técnica selecionada para o tratamento e análise de dados.

O terceiro e último capítulo é destinado aos resultados onde efetivamente se cruza a fundamentação teórica com os dados recolhidos, que são a informação dada pelos entrevistados, que neste estudo foram seis educadoras de infância, que se encontram no ativo, ou seja, todas elas diariamente lidam e convivem com as crianças.

Após os resultados, surgem as considerações finais ou conclusões que foram obtidas ao longo de todo o estudo e do percurso que envolveu o mesmo, mas também será feita uma reflexão sobre o estudo em si e sobre as aprendizagens que se retiraram da realização do estudo.

Os anexos surgem na última secção deste relatório, onde irá estar o guião utilizado nas entrevistas, um exemplar da grelha de análise de conteúdo e por fim irá estar as seis análises de conteúdo relativas às entrevistas efetuadas às educadoras de infância que participaram neste estudo.

Capítulo 1 - Quadro de referencial teórico

Neste primeiro capítulo estará referida a importância ou contributo do brincar e do jogar para o desenvolvimento global das crianças pequenas, para as aprendizagens que estas podem fazer quando estão em situação de puro divertimento, seja a brincar ou a jogar.

É também mencionado o tema da criatividade durante as brincadeiras, os tipos de brincadeiras e de jogos que as crianças podem fazer consoante a sua faixa etária. A forma como estas podem brincar e tudo aquilo que facilita este momento dentro de uma sala de jardim-de-infância. É ainda abordado a temática da evolução do ato de brincar, ou seja, as alterações do tipo de brincadeiras e de jogos de alguns anos a esta parte e também as causas ou razões de contribuíram para essas mesmas mudanças de comportamento, quer das crianças como dos pais ou responsáveis das mesmas.

1. Desenvolvimento global das crianças através da brincadeira e dos jogos:

Por vezes ouve-se que “as crianças estão somente a brincar” ou então “as crianças passam a maior parte do tempo a brincar e isso é uma perda de tempo”. O tempo que os adultos disponibilizam para as crianças brincarem é fundamental para o seu desenvolvimento, tal como Ferland (2006) defende “ao brincar, a criança progride nas diferentes esferas do seu desenvolvimento” (p.6).

Wajskop (1995, cit. por Dallabona & Mendes, 2004) afirma que brincar durante a infância é crucial para o desenvolvimento humano. Vygotsky (1984) não defende só a importância do brincar para o desenvolvimento mas também para a construção do pensamento da própria criança, e por isso deve fazer parte integrante da infância.

Por estas duas razões, Ferland (2006) afirma que a brincadeira está presente e acompanha o crescimento da criança. Os bebés descobrem e conhecem o próprio corpo através de brincadeiras com os adultos por eles responsáveis, estes fazem brincadeiras sensoriais e manipulam objetos. Entre os 18 e os 36 meses, as crianças demonstram interesse por jogos de encaixe e de construção, iniciam também os jogos de faz de conta e já começam a brincar com as outras crianças. Já numa idade pré-escolar, entre os três e os cinco anos, as crianças já criam brincadeiras e jogos de forma autónoma, seleccionam objetos e materiais e exploram-nos como querem. Recorrem ao imaginário e às experiências por elas vividas para recriarem situações de brincadeira.

Autores como Vygotsky (1984), Huizinga (1990) e Negrine (1994) (cit. Dallabona & Mendes, 2004) defendem a ideia de que o brincar é uma atividade que contribui positivamente para o desenvolvimento da criança. Este pode ser linguístico, social, cognitivo, motor, físico, sensorial e afetivo.

Moyles (2002) defende que a brincadeira pode ser agrupada de três formas diferentes mas de acordo com o desenvolvimento físico, intelectual, social e emocional. O brincar relacionado com o desenvolvimento físico, onde se enquadram competências de motricidade ampla, fina e psicomotricidade. A motricidade ampla pode ser trabalhada através de jogos de construção, a motricidade fina pode ser explorada através de manipulação e coordenação de objetos e materiais. O educador pode trabalhar a psicomotricidade propondo atividades de dança, circuitos de obstáculos e exploração sensorial. O brincar associado ao desenvolvimento intelectual, abarca o domínio linguístico, científico, matemático e criativo. Com o objetivo de desenvolver a linguagem, o educador poderá contar histórias, pedir recontos e criação de situações. No que diz respeito ao desenvolvimento científico, as atividades propostas poderão ser de exploração e investigação. Os jogos de números são um bom jogo para desenvolver o sentido matemático nas crianças pequenas. A criatividade pode ser estimulada através de atividades que envolvam a pintura, a modelagem e o desenho. O brincar relacionado com o desenvolvimento social e emocional, engloba vários aspetos, dos quais se podem destacar a empática e os jogos. A empatia está diretamente relacionada com a simpatia e a sensibilidade. Atividades em grupo são uma boa estratégia para estimular a empatia com o outro.

Moyles (2000) e Hutt (1995, cit. por Brock; Dodds; Jarvis & Olusoga, 2011) defendem a categorização da brincadeira, associada ao desenvolvimento cognitivo/intelectual, social e criativo da criança. A primeira categoria é denominada de epistémica, nesta as brincadeiras estão relacionadas com o desenvolvimento cognitivo/intelectual. A segunda categoria é conhecida por lúdica, e dentro desta existem brincadeiras associadas ao desenvolvimento social e criativo das crianças. A terceira e última categoria diz respeito aos jogos com regras. As brincadeiras podem ser de qualquer tipo de jogo seja em grupo ou individual.

Salomão; Martini & Jordão (2007), afirmam que as brincadeiras e os jogos que as crianças realizam contribuem para diferentes níveis de desenvolvimento, como é o caso

do desenvolvimento físico, da autonomia, intelectual e social e ainda contribui positivamente para a formação da personalidade das mesmas. Quando uma criança brinca, tem consciência de si própria e dos outros. Os autores Lira & Rubio (2014) também afirmam que as brincadeiras influenciam a formação da personalidade das crianças mas acrescentam que estas ao brincarem estabelecem relações, não somente com pessoas, mas também com materiais e objetos que estão presentes no seu quotidiano. Ferland (2006), Salomão; Martini & Jordão (2007), afirmam que a brincadeira promove a autonomia das crianças, sendo que Ferland (2006), acrescenta ainda que “brincar é uma via privilegiada para lançar as bases de uma autonomia.” (p.86). Durante as brincadeiras, as crianças começam a tomar decisões e a fazer escolhas, pois durante o ato de brincar, todas as situações podem surgir. Para algumas crianças, é nesta fase que começam a escolher a roupa, a utilizar acessórios, a vestirem-se sozinhos, bem como a fazerem a sua higiene.

Estes autores não são os únicos a defender que brincar está na origem da formação da personalidade, pois Dallabona & Mendes (2004) também são da mesma opinião, estes acreditam que durante a brincadeira as crianças aprendem a partilhar, a serem solidárias e companheiras, umas das outras. Estes dois autores também defendem que a brincadeira promove e estimula a autonomia, pelo que quando a criança brinca ou joga torna-se mais independente pois terá que resolver contratempos, ultrapassar obstáculos e resolver situações sozinha. Por vezes, durante as brincadeiras ou jogos surgem conflitos entre as crianças e são estas que terão de resolver a questão, de preferência sem auxílio do adulto responsável.

Jowett & Sylva (1986, cit. por Moyles, 2002) defendem tal como Salomão; Martini & Jordão (2007) que através das brincadeiras, as crianças se desenvolvem a nível cognitivo e afetivo. Jowett & Sylva (1986) fundamentam ainda que para tal acontecer é necessário que estejam inseridas num ambiente estruturado e organizado, quer seja em casa ou num jardim-de-infância.

As competências que as crianças desenvolvem durante os atos de brincadeira ou jogos são inúmeros e variados. Estas competências irão ser fundamentais para a vida adulta das crianças e é por isso que é tão importante brincar e jogar na infância. As brincadeiras também desenvolvem a auto estima e a autoconfiança que as crianças têm em si próprias e nas suas capacidades.

Por todas estas razões, acima mencionadas, o brincar e o jogar são uma ferramenta indispensável na formação das crianças pequenas, pois contribuem fortemente para o desenvolvimento global das mesmas.

2. Aprendizagem através do brincar/jogar

O conceito de brincar está internamente relacionado com a diversão, a exploração, a imaginação, a aprendizagem e a criatividade. São vários os autores que defendem que as crianças quando brincam, representam o mundo à sua volta, imitam situações do dia-a-dia, reinventam momentos que tenham vivenciado e ainda constroem situações através da sua imaginação. Salomão; Martini & Jordão (2007) dizem mesmo que “brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la.” (p.12). Lira & Rubi, 2014 defendem também que através do brincar as crianças expressam-se, interagem com o meio, com os materiais e criam algo de novo.

Segundo Dallabona & Mendes (2004), a infância é vista como a idade das brincadeiras, e que através delas as crianças demonstram e expressam os seus gostos, interesses e desejos sobre algo. É através das brincadeiras que a crianças representam as suas vivências. A evolução das brincadeiras das crianças ocorre de forma mais visível, nos seis primeiros anos de vida (Queiroz; Maciel & Branco, 2006).

Santos (1999, cit. por Dallabona & Mendes, 2014), refere que “para a criança, brincar é viver.” (p.108). A maioria das crianças possuem uma enorme necessidade de brincar, tudo para elas é brincar e brincam com tudo, um simples objeto é rapidamente transformado em algo para brincar. Por isso é que o educador tem de estar atento às brincadeiras das crianças, pois quando uma não tem vontade ou disposição para brincar, pode significar que algo de errado se está a passar com ela, tal como Dallabona & Mendes (2004) defendem.

Estes mesmos autores dizem que “o brincar é o fazer em si, que requer tempo e espaço próprio” (Dallabona & Mendes, 2004, p.109). Para as crianças puderem brincar, é necessário que lhes seja dado tempo para tal, um espaço físico, brinquedos, materiais diversos e outras pessoas, sejam crianças ou adultos. Se não houver tempo, todos os outros requisitos não são necessários. O tempo livre para a brincadeira serve para (Ferland, 2006), a criança tomar decisões, fazer escolhas sobre o que pretende fazer nesse mesmo tempo. Nos colégios e Instituições de ensino pré-escolar, o tempo destinado a atividades livres, nomeadamente à brincadeira livre, está a deixar de fazer parte integrante de uma rotina de sala, pois o tempo é destinado a atividades orientadas e dirigidas pelo adulto. (Papalia; Olds & Feldman, 2009). Estes afirmam que o tempo

livre está a ser reduzido. Para que o ato de brincar se realize e desenvolva não é obrigatório que estes requisitos estejam todos reunidos, mas pelo menos alguns, pois só dessa forma as crianças retiram o melhor das brincadeiras.

As crianças para brincarem utilizam ou podem utilizar diferentes tipos de materiais e objetos que muitos deles estão presentes no quotidiano das crianças. Por exemplo há inúmeras crianças que para brincarem selecionam tampas de plástico, panos de cozinha em vez de escolherem brincar com brinquedos didáticos para a sua idade (Fortuna, 2000).

Falar do ato de brincar e não mencionar o conceito de brinquedo, não é possível pois inevitavelmente estão relacionados, as crianças para brincarem utilizam na maioria das vezes brinquedos. Na perspetiva de Brougère (cit. por Silva, 2003), as brincadeiras das crianças são, muitas vezes, um resultado do que estas percebem e compreendem sobre o brinquedo. Kishimoto (1994), por outro lado, defende que o brinquedo está associado a uma imagem e é algo que a criança pode explorar como quiser. Acrescenta ainda que “um dos objetivos do brinquedo é dar às crianças um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los.” (p.109) Hoje em dia, vê-se exatamente o que esta autora defende, por exemplo: facilmente podemos encontrar um serviço de chá, um carrinho de limpeza entre outros objetos que estão presentes no dia-a-dia das crianças. A autora afirma ainda que os brinquedos são também uma representação da imaginação das crianças, através de bonecos, dos monstros, das fadas e dos super-heróis.

Lira & Rubio (2014) defendem uma perspetiva um pouco diferente de Kishimoto (1994), estes afirmam que o brinquedo surge de um objeto que foi transformado em brinquedo pela criança, ou seja, a criança dá uma nova utilidade a um objeto, criando assim o seu próprio brinquedo. Estes autores dizem ainda que “por meio do brinquedo a criança reorganiza, constrói e reconstrói relações entre situações do pensamento e situações reais.” (p.9) As criança imaginam algo e poem em prática através dos objetos do quotidiano, criando brinquedos e novas brincadeiras.

Dallabona & Mendes (2004) defendem que a infância é a idade das brincadeiras, Neto (2003) afirma que o jogo é uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância.” (p. 5) Estas duas ideias permitem-nos concluir que os dois conceitos estão relacionados, pois ambos são atividades que as crianças gostam de fazer, onde se divertem e aprendem em conjunto com as outras crianças. Huizinga (cit. por Fortuna,

2000) define jogo como sendo uma atividade voluntária, que precisa de tempo e espaço para acontecer e para a qual são necessárias regras. Seja nos intervalos ou dentro das salas, as crianças brincam muitas vezes através de jogos, escolhem temas, inventam regras e por vezes até constroem materiais. As crianças ao jogarem estão a brincar, a aprender e a divertirem-se.

A ideia de que o jogo pode servir para educar a criança, surge apenas a partir do século XVIII, segundo Kishimoto (1994). Os jogos são utilizados na educação de infância, não só porque divertem as crianças mas também porque através deles as crianças aprendem as regras do jogo, os conceitos implícitos ao jogo, a saber ganhar e a perder e ainda a conviver democraticamente com os outros.

Dallabona & Mendes (2004) defendem que a brincadeira é vista como a ação de brincar, o jogo pode ser considerado uma brincadeira com presença de regras estabelecidas e o brinquedo é o objeto com o qual as crianças brincam e interagem.

O conceito de aprendizagem está implícito nas brincadeiras e nos jogos das crianças, momentos estes que promovem a alegria e a satisfação das crianças, pois como já foi referido, através destes momentos as crianças imaginam, constroem e aprendem. Moyles (2002) afirma que “o brincar é realizado por puro prazer e diversão e cria uma atitude alegre em relação à vida e à aprendizagem.” (p.21) Oliveira (1985 cit. por Salomão; Martini & Jordão, 2007), também defende esta ideia, afirmando que qualquer aprendizagem que seja proporcionada através dos jogos e das brincadeiras é uma aprendizagem espontânea e natural. As brincadeiras e os jogos são atividades e momentos que promovem a alegria e o prazer às crianças e é por isso que através destes surge aprendizagem (Dallabona & Mendes, 2004).

A maioria dos educadores de infância acreditam e defendem que as brincadeiras e os jogos são uma ferramenta fundamental para a aprendizagem das crianças, e por isso cabe-lhes a eles, proporcionar espaços acolhedores, estimulantes, criativos e apelativos para que as crianças consigam brincar e aprender da melhor forma (Brock; Dodds; Jarvis & Olusoga, 2009). É da responsabilidade destes profissionais introduzir momentos dedicados às brincadeiras e aos jogos na prática pedagógica pois estes momentos proporcionam diversas aprendizagens para as crianças (Salomão; Martini & Martinez, 2007).

O autor Mauriras – Bousquet (1986, cit. por Silva, 2003), está de acordo com os autores acima mencionados mas acrescenta que para existir aprendizagem, através dos jogos é necessário a presença de alguns elementos, tais como: o fator surpresa, deve ser agradável e pouco básico, ou seja, deve estar adequado à faixa etária da criança e deve ainda proporcionar a aprendizagem de novos conhecimentos. O lúdico presente nas brincadeiras e nos jogos origina o gosto de aprender por parte das crianças, pois adquirem conhecimentos a partir de algo que lhes dá prazer fazer, ou seja as crianças aprendem melhor de forma lúdica e divertida, sendo que as atividades terão de estar adequadas à faixa etária das crianças, tal como Salomão; Martini e Jordão (2007) defendem. Estes dizem ainda que “o jogo é uma atividade lúdica que tem valor educacional.” (p.9). A utilização de jogos nas salas de pré-escolar tem diversas vantagens para a aprendizagem das crianças. Se o educador propuser um jogo como atividade a criança irá ficar mais motivada para a aprendizagem e aprenderá de forma mais rápida e consistente, ou seja, não irá esquecer com tanta facilidade.

3. Criatividade através do brincar e do jogar

Quando se ouve falar em criatividade na infância, o pensamento é dirigido apenas para as atividades que envolvem a expressão plástica ou a dramática, mas na verdade a criatividade está presente no dia-a-dia da criança e principalmente quando estas brincam de forma livre, pois nestes momentos as crianças podem imaginar cenários, criar situações e reinventar episódios. Tal como defende Lira e Rubio (2014), é nos momentos de brincadeira livre, que as crianças se expressam e desenvolvem o seu processo criativo. A estes momentos de total liberdade criativa, estes autores, chamam de brincadeira espontânea. Neste sentido, Vygotsky (2007, cit. por Rodrigues, 2009) afirma que “o brincar é uma atividade humana criadora.” (p.18). Este mesmo autor e sobre o conceito de brincar diz que quando uma criança brinca existe uma relação entre a memória e a imaginação e também entre a realidade e a fantasia.

Para que aconteçam momentos de brincadeira livre ou atividades que estimulem a criatividade das crianças, numa sala de pré-escolar, é necessário que haja tempo para tal e também disposição por parte da equipa educativa. Por esta razão Macedo (2003, cit. por Lira e Rubio, 2014), considera importante que as Instituições de ensino promovam atividades que explorem a criatividade das crianças e também o seu pensamento.

Na perspetiva de Ciccone (2013) os momentos de brincadeira livre devem ser, como já foi referido, proporcionados pela equipa educativa, nomeadamente pelos educadores e auxiliares de ação educativa, de forma a que as crianças possam expressar as suas ideias, valores e representem o que são e o que acreditam, pois caso as crianças não se possam expressar livremente, isto pode ter consequências na formação da sua personalidade.

Na ideia de Lopes (2006, cit. Salomão; Martini & Jordão, 2007) no momento da brincadeira as crianças desenvolvem a imaginação e a fantasia, pois comunicam através de gestos e representam personagens ou situações imaginárias.

Vygotsky (1998, cit. por Nascimento, 2004), apresenta uma perspetiva ou ideia semelhante aos autores acima mencionados, mas vai um pouco mais além, dizendo que a criatividade é tudo aquilo que o ser humano cria de novo. Este, defende que os seres humanos podem ter dois tipos de impulsos que estão na base de uma atitude criadora. Estes impulsos, são denominados de reprodutor ou reprodutivo e de criador ou

combinador. O primeiro impulso está relacionado com a memória e com o facto de o homem conseguir reproduzir algo que já viu ou vivenciou, o segundo impulso, diz respeito à criação de algo novo ou reformulação de algo já feito, elaborado com base nas experiências que teve, podendo-se desta forma, adaptar melhor ao mundo que o rodeia. É com este segundo impulso, que o ser humano consegue ir mais longe, criando algo novo e inovador. Este mesmo autor afirma que a imaginação do ser humano para criar algo novo está relacionada com a sua realidade e experiência. Por esta razão, Nascimento (2004) diz, “quanto mais rica for a experiência do homem maior será o material disponível à imaginação.” (p. 15)

Um tipo de brincadeira que as crianças realizam bastante, e onde se consegue observar a criatividade das mesmas, é denominado de brincadeira de faz de conta. Tal como o nome indica, as crianças fazem de conta que são professoras, mães/pais, filhas/filhos ou até alguns animais. Nestas brincadeiras, a imaginação e a fantasia são o limite. Nascimento (2004), afirma que “a ação criadora descrita por Vygotsky (1998), manifesta-se na criança, principalmente nas brincadeiras de faz de conta, em situações que ele chama de Zona de Desenvolvimento Proximal” (pp.16-17). Nestas atividades, o educador terá de ter atenção à interação das crianças e também a forma como estas se relacionam e interpretam o mundo à sua volta.

Para Vygotsky (1998, cit. por Nascimento, 2004), o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal é o espaço compreendido ou a distância que existe entre o que a criança já consegue fazer/criar sozinha (desenvolvimento real) e o que esta faz ou realiza com ajuda de um adulto ou colega (desenvolvimento potencial). É importante, realçar que o educador tem um papel importante na evolução da criança e por isso deve proporcionar atividades estimulantes, nomeadamente através de brincadeiras, para que a criança consiga evoluir do desenvolvimento real para o desenvolvimento potencial.

O educador, para criar brincadeiras estimulantes e que permitam a evolução da criança tem de ter em conta que ao longo da infância, as crianças vão tendo diversas experiências que vão memorizando e que através das mesmas conseguem criar algo de novo e acrescentar situações ou episódios às suas brincadeiras. Por este motivo Vygotsky (1998, cit. por Nascimento, 2004), afirma “a facilidade de combinar o antigo com o novo é a base da criação. (p.18)

4. Brincadeiras e jogos

Neste ponto, referem-se os vários tipos de brincadeiras e de jogos que as crianças pequenas realizam, quer seja sozinhas ou em grupo. Mencionou-se a temática do brincar dentro da sala ou na escola, referindo o que é necessário para tal e o que iria facilitar esses mesmos momentos de diversão das crianças. Para terminar abordou-se a questão da evolução das brincadeiras e dos jogos ao longo do tempo, fazendo comparações geracionais.

4.1 Tipos de brincadeira

As crianças devem ter liberdade para escolher as suas brincadeiras e com quem querem brincar, por isso as ditas brincadeiras podem ser feitas em grupo ou individualmente, se for esse o desejo da criança, tal como Wajskop (1999) defende. Este autor acrescenta ainda que em ambas as situações, as crianças estão a explorar e a conhecer o mundo à sua volta. Diz também que “a brincadeira pode ser um espaço privilegiado de interação e confronto de diferentes crianças com diferentes pontos de vista.” (p. 33). Por vezes é durante as brincadeiras em grupo, que as crianças criam conflitos entre si, pois na verdade são todas diferentes, têm formas diferentes de pensar, agir e ser. Destes conflitos, durante o ato de brincar, surge a resolução de problemas, estes devem ser solucionados pelas crianças.

Na perspetiva de Ferland (2006), a brincadeira pode ser vista como livre ou estruturada. Na brincadeira livre, as crianças tomam decisões sobre o que querem fazer e quais os brinquedos ou materiais que querem utilizar. Este autor defende que “este tipo de brincadeira favorece a imaginação, a fantasia e a criatividade da criança.” (p.53). As brincadeiras estruturadas são atividades que envolvem regras e o cumprimento das mesmas.

Papalia; Olds & Feldman (2009), defendem que o ato de brincar é evolutivo, pois as crianças começam por brincar sozinhas, passando a brincar apenas ao lado das outras e só depois em conjunto. Podemos ver este facto se observarmos diversas salas de creche e pré-escolar. Em creche as crianças brincam maioritariamente sozinhas, nas salas dos três anos começam a brincar ao lado umas das outras e depois aos quatro ou cinco anos já brincam todas juntas.

Sendo a brincadeira um processo onde existe evolução Parten (1932, cit. por Papalia; Olds & Feldman, 2009) afirma que inicialmente, numa idade precoce, o bebê têm um comportamento livre e de espectador, ou seja, observam as outras crianças dando mais atenção apenas aquilo que lhes, por algum motivo, chama à atenção. Este autor e Ferland (2006) defendem que existem 4 tipos ou categorias de brincadeiras diferentes. A primeira categoria é denominada de brincadeira solitária e independente, ocorre geralmente no primeiro ano de vida, onde o bebê brinca sozinho ou com um adulto, utilizando os seus brinquedos. Caso o bebê esteja em contacto com outras crianças, este não fará muito esforço para interagir com elas. A brincadeira paralela, é a segunda categoria e surge entre os 12 e os 36 meses. A criança continua a brincar sozinha mas já o faz perto das outras crianças e utiliza os mesmos brinquedos, dando-lhes por vezes outro significado. A esta brincadeira Ferland (2006) denomina de brincadeira paralela dizendo mesmo que esta “é fonte de aprendizagem para a criança: permite-lhes conhecer os outros, que se tornam de certa forma modelos a imitar.” (pp. 146-147) A terceira categoria é conhecida por brincadeira associativa e ocorre por volta dos 36 meses. Nesta, a criança já brinca e interage com outras, partilham brinquedos, sendo que por vezes surgem os conflitos, pois nesta faixa etária as crianças manifestam dificuldade em perceber que os outros têm opiniões diferentes das suas. As crianças, nesta idade preferem brincar com um ou dois amigos do que com todas as crianças do grupo. A quarta e última categoria, diz respeito à brincadeira cooperativa ou organizada que surge entre os quatro e os cinco anos de idade. Nesta fase as crianças já conseguem brincar em grupo, pois já não são tão egocêntricas. Esta categoria tem esta denominação porque as crianças cooperam entre si, com o objetivo comum a alcançar e para tal é preciso organização. As crianças brincam em grupo e cada uma desempenha uma função ou papel importante, que irá permitir o desenrolar da brincadeira em si.

4.2. Brincar na escola e dentro da sala

A situação ideal (Lira & Rubio, 2014), era existir espaço, tanto na Instituição escolar, como dentro das salas, para as crianças poderem brincar. Esta brincadeira poderia ser livre, onde as crianças fariam escolhas, tomavam decisões sem a intervenção do adulto, ou dirigida. Nesta, o educador estabelece competências para as crianças atingirem e desenvolve brincadeiras nesse sentido. De acordo com esta linha de pensamento Moyles (2002, cit. por Lira & Rubio, 2014), diz que é necessário que exista um bom equilíbrio entre a brincadeira livre e a dirigida pois ambas contribuem positivamente para o bom desenvolvimento das crianças.

Durante as brincadeiras livres das crianças (Lira & Rubio, 2014), o educador deve prestar atenção às conversas, aos comportamentos, às atitudes das crianças para que posteriormente ao momento da brincadeira consiga proporcionar atividades e brincadeiras dirigidas que permitam às crianças compreender outros conceitos. O educador, com base na observação que faz do momento da brincadeira, pensa na criação de novas estratégias para responder às necessidades das crianças.

Infelizmente a situação real afasta-se cada vez mais da situação ideal e neste sentido Ferland (2006), afirma que “ o direito à infância e ao brincar é muitas vezes esquecido.” (p.39) Este facto está presente em algumas Instituições de ensino pré-escolar porque as equipas educativas dão excessiva importância às atividades curriculares, não permitindo que as crianças brinquem de forma livre, durante mais tempo.

Os educadores, devem não só participar nas brincadeiras das crianças mas também permitir-lhes/proporcionar-lhes momentos para brincarem sozinhos ou em grupo, tal como Fortuna (2000) e Lira & Rubio (2014) defendem. Para que estes momentos sejam possíveis de acontecer, os educadores têm de fazer uma boa gestão do tempo/rotina da sala e neste sentido Formosinho (2011) afirma que o tempo pedagógico deve ser bem organizado e deve ter em conta as necessidades do grupo de crianças.

De forma a facilitar e diversificar o momento de brincadeira dentro da sala, estas estão geralmente organizadas e divididas por áreas de interesse das crianças, tal como defende Hohmann & Weikart (2009). Estes autores dizem que cada área necessita de ter materiais e objetos diversificados, mas não é preciso uma quantidade excessiva de materiais, pois as crianças são criativas e por isso com pouco conseguem fazer muito.

De acordo com esta ideia, Rizzo (1991, cit. por Lira & Rubio, 2014), afirma que os materiais devem estar ao alcance das crianças, organizados em armários e mesas baixas para que as crianças os possam usar quando e como quiserem.

Os momentos de brincadeira, a organização da sala e a gestão do tempo são da total responsabilidade do educador. Este deve ter presente os benefícios que as brincadeiras, sejam estas livres ou dirigidas trazem, tanto para o desenvolvimento como para a aprendizagem das crianças pequenas.

4.3. Tipos de jogos

Tal como nas brincadeiras, existem também vários tipos de jogos e várias perspectivas diferentes defendidas por vários autores. Silva (2003), defende que existem duas perspectivas diferentes quando se fala do jogo em ambiente escolar. A primeira, está relacionada com os jogos educativos ou pedagógicos que são materiais fornecidos pelo educador, pois tem como objetivo que as crianças conseguem desenvolver diversas competências, ou seja, é um jogo dirigido pelo adulto. O jogo livre, é a segunda perspectiva, esta diz respeito à liberdade dada à criança de jogar com os materiais da forma que escolher.

Já na ideia de Neto (2003), existem quatro tipos de jogos: os de repetição, de imitação, de construção e de agrupamento. Os jogos de repetição envolvem a escolha repetida do mesmo jogo, escolha esta feita pela criança. Os jogos de imitação ocorrem quando as crianças imitam e recriam situações do seu dia-a-dia. Os jogos de construção surgem quando as crianças constroem algo com significado e por fim, os jogos de agrupamento são atividades onde a criança tem a oportunidade de agrupar objetos construindo a sua representação do mundo à sua volta.

Smilansky (1968, cit. por Papalia & Olds & Feldman, 2009) tem uma teoria diferente dos autores mencionados em cima, pois este acredita que o jogo possui uma complexidade crescente e por isso se pode identificar por níveis e não por tipos de jogos. O primeiro nível é denominado por jogo funcional ou locomotor, que tem início aos 12 meses, onde a criança executa movimentos repetitivos. O jogo construtivo é também denominado de jogo de objetos, pois neste segundo nível as crianças pequenas utilizam objetos e diferentes materiais para elaborarem algo. O terceiro nível é conhecido por jogo do faz de conta ou jogo simbólico, este envolve a representação e imitação de pessoas ou situações imaginárias. Piaget (1962, cit. por Papalia; Olds & Feldman, 2009), diz que a função simbólica presente no jogo do faz de conta surge, aproximadamente aos 24 meses. O último nível é denominado de jogo com regras formais, este é um jogo dirigido e com regras estabelecidas que têm de ser cumpridas pelas crianças.

Noutra perspectiva, Piaget (1967, cit. por Salomão; Martini & Jordão, 2007), categorizou os jogos com base nas três fases do desenvolvimento infantil, para a fase sensório motora, que acontece do nascimento até aos dois anos de idade, atribui os jogos de

exercícios sensório- motor. Estes são exercícios que envolvem a repetição de movimentos motores. No que diz respeito à fase pré-operatória (dos 2 aos 5/6 anos de idade) Piaget (1967), escolheu os jogos simbólicos para que as crianças possam compreender e reproduzir a realidade. Para a fase das operações concretas (dos 7 aos 11 anos) o mesmo autor, selecionou os jogos de regras. Nestes existem regras estabelecidas que as crianças têm de cumprir, caso não o façam serão penalizadas.

As crianças brincam muitas vezes através dos jogos e neste sentido Salomão; Martini & Jordão (2007), afirmam que a vontade de jogar é algo natural na criança e por isso tudo o que envolve momentos de jogo é motivador para as mesmas.

5. Evolução do ato de brincar através do tempo

A vontade de brincar sempre esteve, ao longo dos anos, presente na vida das crianças. Hoje em dia, as rotinas estabelecidas para as salas de pré-escolar são tão preenchidas que o tempo de brincar ou jogar é reduzido, e por vezes inexistente tal como defendem Lira & Rubio (2014). Estes autores acrescentam ainda que há vários anos a esta parte, as crianças tinham mais liberdade para brincar e havia mais espaços para o efeito, pois a rua era o lugar privilegiado para as brincadeiras em grupo e para a socialização e aprendizagem com os outros. Esta situação já não se observa, devido à insegurança nas ruas e por isso os espaços para brincar cinge-se a sítios vigiados e protegidos como é o caso das escolas.

A insegurança sentida nas ruas, e conseqüentemente diminuição dos espaços para brincar, o avanço tecnológico contribui também para a redução das brincadeiras de pares e de grupos, pois cada vez mais vemos crianças a jogarem nos *tablets*, nos telemóveis ou nos computadores. Lira & Rubio (2014), defendem que todos estes fatores reduzem a interação, a autonomia e aprendizagem das crianças.

É também importante realçar, que o ritmo de vida das pessoas sofreu bastantes alterações e por isso o tempo que hoje em dia os pais têm para dedicar somente aos filhos é menor, do que há 10 ou 15 anos atrás. O ritmo de vida é muito mais acelerado, e as preocupações diárias são mais constantes, o que condiciona o tempo que as crianças podem brincar. Por exemplo, hoje em dia são poucos os pais que têm tempo durante a semana para levarem o filho ao jardim, ou para fazerem um lanche ao ar livre ao fim da tarde.

Na perspetiva de Ferland (2006), as mudanças que ocorrem nas brincadeiras das crianças ao longo de alguns anos, deve-se, entre outros aspetos, ao facto de os pais protegerem demasiado os seus filhos, não deixando que estes explorem o mundo, com medo que, de uma situação de puro divertimento para a criança, se transforme numa situação complicada, podendo colocar a vida da criança em risco.

Como não se pode falar do brincar sem mencionar o brinquedo, é de referir que este, a sua utilidade e o material de construção também sofreram modificações. Antigamente, as crianças davam muita importância ao brinquedo e ao brincarem com esse mesmo objeto, porque em muitos casos, tinham sido construídos por elas e com material que já

não servia, por exemplo: uma bola feita de meias velhas. Nesta época só as crianças provenientes de uma classe social mais elevada é que podiam ter brinquedos mais bonitos e em maior quantidade. As crianças, de famílias com menos poder económico, tinham de dar largas à imaginação, para construírem os seus próprios brinquedos. Hoje em dia, esta ideia também se alterou um pouco, devido ao aumento do número de brinquedos no mercado, passando desta forma a ser mais acessível a todas as classes sociais (Lira & Rubio, 2014).

Almeida (2003, cit. por Lira & Rubio, 2014) afirma que as crianças querem cada vez mais brinquedos, que depois na realidade não os utilizam para brincar, não os exploram, não lhes atribuem outros significados, ou seja as crianças não usam o brinquedo para brincar, pois não criam uma interação com o mesmo.

As brincadeiras, as vivências, as experiências e o próprio comportamento das crianças sofreram alterações, com o avançar do tempo e dos anos, devido a razões externas à própria criança, como é o caso do ritmo de vida acelerado dos pais, a violência e consequentemente insegurança vivida nas ruas das cidades e arredores.

Estas mudanças ou alterações observadas nas brincadeiras das crianças têm vindo a verificar-se cada vez mais com o passar dos anos.

Capítulo 2 - Problematização e Metodologia

Neste segundo capítulo é mencionado a problemática escolhida, os objetivos e questões de investigação relativos ao estudo em questão e ainda o paradigma que mais se adequa a este mesmo estudo, bem como as razões para essa adequação.

2.1 Problema, objetivos e questões de investigação

A problemática ou a hipótese de investigação, recai sobre a importância do ato de brincar quer para o desenvolvimento global quer para as aprendizagens das crianças pequenas, ou seja, de que forma é que o brincar pode contribuir para o desenvolvimento e para as aprendizagens das crianças.

Este tema surgiu através da reflexão do dia-a-dia das crianças, pois estas passam-no maioritariamente a brincar. Posto isto, e como efetivamente as crianças têm de assimilar aprendizagens, poderia ser vantajoso, tornando-se assim uma aprendizagem significativa, se as crianças pudessem aprender estando a brincar e a divertirem-se.

O desenvolvimento, seja ele pessoal, cognitivo, motor ou afetivo pode ser também explorado através de brincadeiras lúdicas e de jogos didáticos, que permitam à criança desenvolver-se.

Este estudo teve como objetivo, compreender como o brincar e as brincadeiras das crianças podem contribuir positivamente para o seu desenvolvimento, perceber se através das brincadeiras e dos jogos as crianças aprendem conceitos e ainda qual o espaço ou importância que o brincar e o jogar têm nas rotinas diárias de uma sala de pré-escolar, se estes momentos constam nas planificações dos educadores de infância.

2.2 Paradigma

Na perspetiva de Bogdan & Biklen (1994) “um paradigma consiste num conjunto aberto de asserções, conceitos ou posições logicamente relacionados e que orientam o pensamento e a investigação.” (p.52). Existem dois tipos de paradigmas, o qualitativo e o quantitativo.

O paradigma qualitativo é também conhecido e denominado por paradigma interpretativo. Na perspetiva de Oliveira (2000, cit. por Queiroz, 2006) este paradigma

sempre foi visto como um método de exploração que ajudava os investigadores na sua pesquisa de natureza científica. De acordo com Nelson (1992, cit. por Aires, 2011), a investigação de natureza qualitativa tem por base as ciências físicas e humanas.

Sendo um paradigma relacionado com as ciências humanas Queiroz (2006) defende que este surge para se compreender os seres humanos, os seus comportamentos, as suas atitudes consoante os contextos em questão.

A investigação relativa ao paradigma qualitativo e de acordo com Bogdan & Biklen (1994), apresenta cinco características, mas nem todos os estudos de natureza qualitativa possuem a totalidade das características, podendo ter apenas duas.

A primeira característica diz respeito ao ambiente natural em que são recolhidas as informações, sendo que o entrevistado é o “instrumento principal” da entrevista. (Bogdan & Biklen, 1994, p.47). A segunda característica remete-nos para a natureza dos dados, pois na investigação qualitativa os dados recolhidos são descritivos, são narrativas do entrevistado. Quando se transcreve uma entrevista pode-se colocar citações do que o entrevistado disse, fotografias que se tenha tirado e até vídeos que se tenha feito. A terceira característica presente no paradigma qualitativo está relacionada com o interesse do investigador no processo e não somente no produto final, por exemplo se o tema de investigação for as aprendizagens dos alunos, o entrevistador centra as questões na forma como os alunos aprendem, as estratégias que se podem utilizar e não apenas nos resultados obtidos. A quarta característica diz respeito à forma como os investigadores/entrevistadores analisam os dados. Na opinião de Bogdan & Biklen (1994), os entrevistadores analisam os dados recolhidos de forma indutiva, ou seja, não procuram confirmar aquilo que lhes é transmitido por parte do entrevistado. Acredita no que é dito e a partir disso constrói o seu estudo. A última e quinta característica está relacionada com o significado que o entrevistado atribui ao tema em questão.

No caso concreto deste estudo, optou-se pelo paradigma qualitativo na medida em que se tratava de compreender os comportamentos, as ideias e as práticas das educadoras sobre o ato de brincar e a importância da brincadeira no desenvolvimento integral da criança. Com efeito, este estudo partilha as cinco características identificadas por Bogdan & Biklen (1994) sobre o paradigma interpretativo.

2.3 Participantes

Para a realização deste estudo selecionei seis educadoras de infância, que desenvolvem o seu trabalho em colégios privados no distrito de Lisboa, nomeadamente de duas freguesias diferentes. Têm idades compreendidas entre os 35 e os 55 anos.

Estas desenvolvem a sua prática profissional em contexto de sala, na valência de pré-escolar há diversos anos. Duas das educadoras selecionadas têm entre 10 a 15 anos de experiência profissional e as restantes trabalham como educadoras há mais de 25 anos.

Este ano letivo, a educadora EO tem um grupo heterogéneo (dos 3 aos 6 anos), a educadora ES é responsável pelo grupo dos três anos, a educadora EM e EC estão na valência dos quatro anos e por fim a ER e EI estão com os grupos dos cinco anos.

2.4 Instrumentos de recolha de dados

De forma a recolher dados que permitissem ver na prática aquilo que consta em teoria foram realizadas entrevistas a educadoras de infância que estivessem em contexto de sala de jardim-de-infância.

2.4.1. Entrevista

Segundo Bogdan & Biklen (1994), a técnica de entrevista é uma estratégia utilizada com o objetivo de recolher dados e permite ao investigador/entrevistador interpretar as ideias, opiniões e crenças do entrevistado. Também na perspetiva de Aires (2011), a entrevista é uma técnica de análise de dados, bastante utilizada no paradigma qualitativo, pois através desta técnica é possível compreender o ser humano, os seus comportamentos, as suas atitudes e os seus valores. Esta técnica tem de ser utilizada de forma correta, pois só desta forma se consegue obter dados de natureza qualitativa (Júnior & Júnior,2001).

Outros autores, como por exemplo Ribeiro (2008, cit. por Júnior & Júnior, 2001), reforçam a ideia de Aires (2011), defendendo que a entrevista é uma técnica de recolha de dados muito utilizada quando o objetivo do investigador é conhecer o comportamento das pessoas, dos entrevistados.

Sendo a entrevista uma ferramenta ou estratégia fundamental para a recolha de dados é necessário realizar boas entrevistas e para tal Bogdan & Biklen (2005), defendem que os

entrevistados devem sentir-se à vontade para que consigam expor livremente as suas ideias. O entrevistador deve acompanhar o raciocínio do entrevistado, podendo acenar com a cabeça demonstrando que de facto o entrevistado está a ser ouvido. Quando o entrevistador não está a compreender o que está a ser dito ou simplesmente pretende um maior esclarecimento, pode pedir ao entrevistado que explique de outra forma ou até colocar outra questão para tornar a informação mais perceptível.

Como técnica de recolha de dados, a entrevista apresenta vantagens e desvantagens Ribeiro (2008, cit. por Júnior & Júnior, 2011). Este autor defende que a técnica de entrevista tem como vantagens: o facto de as pessoas responderem ao que é pedido; a facilidade de aplicação; o pedido de esclarecimento de algumas respostas e ainda o facto de a entrevista poder ser aplicada a todas as pessoas (se estas manifestarem dificuldades visuais, a entrevista pode ser falada mas se tiverem dificuldades em ouvir a entrevista pode ser escrita). Neste contexto, a entrevista é uma técnica versátil e que se pode adaptar aos diferentes entrevistados.

A entrevista apresenta também, um conjunto de desvantagens. De acordo com Gil (1999, cit. por Júnior e Júnior, 2011), o facto de o entrevistado não estar com vontade de responder; a possibilidade de este não compreender as perguntas; o facto de facultar dados e informações falsas, seja de forma consciente ou não e ainda a influência dos comentários dos entrevistadores.

O entrevistador, segundo Gil (1999, cit. por Júnior & Júnior, 2011), deve fazer uma pequena introdução e contextualização para informar os entrevistados sobre a razão pela qual se está a realizar aquela entrevista. Bogdan & Biklen (1994) também defendem que primeiramente se deve informar o entrevistado sobre o objetivo da entrevista e garantir, se for necessário, o anonimato da mesma.

Um dos aspetos fundamentais da técnica de entrevista, de acordo com Gil (1999, cit. por Júnior & Júnior, 2011), é a criação de um clima cordial entre o entrevistador e o entrevistado. É importante que o entrevistado não se sinta constrangido ou sob pressão no momento da sua resposta bem como no decorrer da entrevista.

A técnica de entrevista pode ser aplicada de diferentes formas, tal como defende Fontana & Frey, (1994, cit. por Aires, 2011). Estes autores referem que a entrevista pode ser individual ou em grupo. Esta é possível de ser aplicada pelo telefone ou por

computador e ainda enviada por correio. A própria entrevista pode ser curta e demorar apenas alguns minutos como também se pode prolongar, chegando a demorar diversas horas.

As entrevistas na perspectiva de Aires (2001) podem ser caracterizadas de acordo com três parâmetros diferentes. O primeiro diz respeito ao número de entrevistados; o segundo está relacionado com o /s tema /s escolhido/s (podendo ser monotemáticas, apenas um tema) ou podem envolver mais do que um tema, e por isso serem designadas por pluritemática; o terceiro e último parâmetro, diz respeito ao nível de estruturação da entrevista em si.

Ambos os autores, Aires (2011) e Gil (1999, cit. por Júnior & Júnior 2011), classificam o terceiro parâmetro acima mencionado. As entrevistas podem ser não estruturadas ou informais, semiestruturadas ou estruturadas.

As entrevistas não estruturadas, não têm perguntas definidas mas têm como objetivo a recolha de dados. Esta é feita a partir do diálogo que o entrevistador mantém com o entrevistado. Este tipo de entrevista pode-se confundir com uma simples conversa entre duas pessoas mas efetivamente o entrevistador tem um objetivo definido.

O entrevistador que irá realizar uma entrevista semiestruturada ou por pautas como defende Gil (1999, cit. por Júnior & Júnior, 2011), leva consigo um guião com algumas perguntas, que irão estruturar o decorrer da entrevista. O entrevistador coloca questões abertas para que o entrevistado se possa expressar livremente. As entrevistas estruturadas, de acordo com Olabuenaga (1996, cit. por Aires, 2011), necessitam de um guião, com perguntas pré estabelecidas, sendo que as respostas do entrevistado são também categorizadas. O entrevistador não altera a ordem pelas qual organizou previamente as perguntas, não expressa a sua opinião nem faz comentários, opta por ouvir os entrevistados sem avaliar as suas respostas. Este seleciona perguntas de resposta fechada, categorizando as respostas dadas pelo entrevistado.

De acordo com Gil (1999, cit por Júnior & Júnior, 2011), o final da entrevista deve ser feito num clima tranquilo e de cordialidade, pois pode haver a necessidade de realizar mais entrevistas às mesmas pessoas.

No caso concreto deste estudo optou-se por realizar entrevistas semiestruturadas a seis educadoras de infância, pois pretendia-se conhecer as representações destas sobre o ato

de brincar, bem como as suas práticas. Neste tipo de entrevista Boní & Quaresma (2005), afirmam que podem ser feitas perguntas abertas, onde o entrevistado pode expressar a sua opinião livremente, mas também fechadas, onde não existe a liberdade referida anteriormente. Nas entrevistas realizadas apenas foram colocadas perguntas abertas que estavam pré-definidas, sendo que com o decorrer da entrevista foram colocadas mais questões não presentes no guião da mesma, ou seja, surgiram no desenrolar da conversa. Em alguns casos, porque o entrevistado se estava a afastar do assunto principal e noutros para compreender melhor a perspetiva do entrevistado. De acordo com Boní & Quaresma (2005), a espontaneidade nas respostas dos entrevistados surge da interação entre este e o entrevistador. Ao longo da entrevista, obteve-se diversos comentários e respostas espontâneas que se considera fundamentais para o estudo realizado.

O guião de entrevista (anexo 1) utilizado neste estudo está organizado por quatro blocos, sendo que o primeiro é a legitimação da entrevista, onde foi pedida autorização para gravar, garantindo-se o anonimato. No segundo bloco teve-se como objetivo conhecer as representações sobre o ato de brincar e para o qual foram colocadas cinco questões. O bloco C (terceiro bloco) destina-se a conhecer as práticas dos educadores de infância relativas aos momentos de brincadeira e tudo aquilo que pode surgir desses mesmos momentos. No quarto e último bloco pretendeu-se compreender as alterações da forma como se brincava e se brinca hoje em dia. Neste bloco colocou-se apenas duas questões. O guião tinha uma coluna destinada aos tópicos, estes são aspetos que se gostaria de ver abordados no desenrolar das entrevistas. Este guião tem no total quinze questões sendo que em algumas entrevistas este número foi ultrapassado.

Boní & Quaresma (2005), afirmam que por vezes o entrevistado tem receio da divulgação de dados por parte do entrevistador e por isso, teve-se ter o cuidado de iniciar todas as seis entrevistas garantindo o total anonimato sobre o entrevistado. Esta garantia, transmite alguma segurança aos entrevistados, deixando-os mais tranquilos e seguros do que irão dizer.

2.5.Tratamento e análise de dados

Após as entrevistas e a transcrição das mesmas, segue-se o momento de analisar o conteúdo da própria entrevista. Segundo Bogdan & Biklen (1994), a análise dos dados recolhidos, é um processo de organização sistemático, visto que se tem de agrupar e dividir os dados segundo categorias. Já Bardin (2004), considera a análise de conteúdo uma técnica que analisa as comunicações entre o entrevistador e o entrevistado e por essa razão, esta autora defende também que a análise de conteúdo é um método empírico.

Durante a análise de conteúdo o entrevistador faz inferências relativas aos conhecimentos ou às práticas utilizadas pelos entrevistados (Bardin, 2004). Esta autora acredita também que durante a análise de conteúdo que o entrevistador realiza, tenta compreender e interpretar o que está ou pode estar implícito nas palavras ditas pelos entrevistados. A interpretação é uma das três fases que Bardin (2004), identifica quando se trata de analisar os dados recolhidos.

Bardin (2004) considera então que a análise de conteúdo se desdobra em três fases: a primeira é denominada de pré-análise, a segunda consiste na exploração do material e a terceira diz respeito ao tratamento dos resultados, onde se incluem as inferências e a interpretação dos dados feitas pelos entrevistadores.

A pré-análise, é o momento de organização, onde se selecionam os documentos ou textos que serão analisados, onde se constroem hipóteses e se escolhem “ indicadores que fundamentem a interpretação final.” (Bardin, 2004, p. 89). Para selecionar os documentos é necessário fazer uma “leitura fluente” (Bardin, 2004, p.90), isto é, uma leitura para conhecer e compreender o conteúdo do texto. A construção de hipóteses, diz respeito à criação de suposições baseadas na intuição e a escolha de indicadores é feita com base nas hipóteses anteriormente selecionadas.

A segunda fase, a de exploração do material constitui efetivamente o processo de análise do conteúdo dos textos escolhidos que dará origem ao tratamento dos resultados obtidos com base nas inferências e na interpretação e que consiste na 3ª fase. O tratamento é feito através de quadros e tabelas onde é colocado a informação que foi transmitida, no caso da técnica da entrevista, pelos entrevistados.

Para analisar o conteúdo é necessário categorizar, Bardin (2004), diz que a categorização é o processo de classificar, ou seja, é necessário organizar o texto em categorias de acordo com um conjunto de critérios definidos. Este processo deve ser estruturado e deve também passar por duas etapas: o inventário e a classificação. O inventário é a separação do texto por temas e a classificação, é a organização do conteúdo por categorias.

No caso deste estudo e para analisar o conteúdo das entrevistas dadas pelas educadoras de infância e após a transcrição das mesmas, efetuei uma leitura flutuante do texto selecionando as temáticas principais. Num segundo momento, elaborou-se uma tabela com três colunas (anexo 2), a primeira destinada às categoriais (temas principais), a segunda referente às subcategorias (temas secundários) e na última coluna constam as unidades de registo, aquilo que efetivamente o entrevistado referiu durante a entrevista, ou seja, são as palavras pronunciadas pelos entrevistados. Após a análise de conteúdo, foi feita uma síntese, onde constam as inferências e a interpretação feita sobre o que foi referido nas entrevistas.

Capítulo 3 - Apresentação e discussão dos resultados

Neste capítulo, é agora possível cruzar a teoria com a prática, através dos dados recolhidos das entrevistas feitas a seis educadoras de infância. As ideias, as conceções e as teorias sobre a grande temática do brincar e tudo aquilo que está internamente relacionado com este tema, são inúmeras e diversificadas.

Para Salomão; Martini & Jordão (2007) o brincar é visto como um cenário onde as crianças exploram, imitam e transformam aquilo que as rodeia. As educadoras de infância têm também uma opinião formada sobre o conceito de brincar, tal como se pode ver na grelha de análise de conteúdo das entrevistas. Na entrevista ER foi mencionado que “o brincar, é um momento de divertimento, de prazer que as crianças têm.” Mas também na entrevista EI foi referido que o brincar “tem haver exatamente com o que poderemos, ser o que quisermos e podermos fazer o que nos apetecer.”

Durante as brincadeiras das crianças, estas constroem, imaginam e representam diversas situações, algumas que já vivenciaram e outras que surgem da sua imaginação e fantasia.

Ferland (2005) defende que a brincadeira ou o ato de brincar com alguma coisa está presente na vida de um ser humano, quase desde o seu nascimento. Esta mesma ideia foi referida durante a entrevista EO, e categorizada após a análise de conteúdo (anexo 4). A educadora que mencionou esta questão, acrescentou ainda que o brincar é “inato”, ou seja nasce com a própria criança, ninguém precisa de ensinar a criança a brincar.

Diversos autores, acreditam que as brincadeiras e os jogos potencializam o desenvolvimento linguístico, social, cognitivo, motor, físico, sensorial e afetivo. A opinião das educadoras, baseada nas suas práticas, vai ao encontro das ideias teóricas. Na análise de conteúdo da entrevista EM (anexo3), é mencionado, que as brincadeiras e os jogos promovem o desenvolvimento “pessoal e social”, mas já na análise de conteúdo da entrevista ER (anexo5) foi pronunciado que as brincadeiras “desenvolvem competências sociais importantes, competências linguísticas e motoras”.

Como é defendido por vários autores, o brincar ajuda na construção da personalidade das crianças, pois nestes momentos as crianças têm de partilhar, ouvir e ajudar o outro.

Esta ideia é também partilhada e mencionada na análise de conteúdo da entrevista EO (anexo 4). Esta educadora refere que “ as brincadeiras estruturam a personalidade.”

De forma geral, e relacionando a teoria existente sobre esta temática e a experiência das educadoras de infância, pode-se dizer, tal como foi descrito na análise de conteúdo da entrevista EO (anexo4), que “o brincar é o grande motor do desenvolvimento.”

Durante as brincadeiras livres, e de acordo com Dallabona & Mendes (2004), os educadores devem ficar atentos aos comportamentos e às atitudes que as crianças têm para que consigam deste modo ajudá-las, por vezes a ultrapassar situações que lhes causam desconforto. Após a análise do conteúdo das entrevistas às educadoras de infância (anexo 4,5,6,7,8), pode-se dizer que estas optam por duas situações distintas no momento em que as crianças estão a brincar, ou seja, a mesma pessoa, por vezes, interage com as crianças, fazendo parte da brincadeira e noutros casos opta por uma postura mais observadora, com o objetivo de analisar a interação entre as crianças, os seus comportamentos e até traços de personalidade.

O brinquedo, está na maioria das vezes, associado às brincadeiras das crianças e por esse motivo as educadoras estão muitíssimo habituadas à presença desses brinquedos na sala. Kishimoto (1994) defende brinquedo como sendo algo que a criança explora como quer, mas na perspetiva de Lira & Rubio (2014) um brinquedo é um objeto que foi transformado em brinquedo pela própria criança. As educadoras de infância e por diariamente conviverem com brinquedos, têm também uma definição sobre os mesmos, que foram transcritas para a grelha de análise de conteúdo. Na entrevista EI (anexo 6) a educadora disse que um brinquedo “é algo que podemos manusear, podemos passar para o brinquedo o que queremos ser”, mas na entrevista EC (anexo 7), foi mencionado que “o brinquedo é um objeto com que eles brincam mas pode ser imaginário” esta educadora referiu ainda que um brinquedo “é algo material.” O brinquedo pode ser imaginário pois a criança pode utilizar uma caneta dizendo que é o seu telemóvel com o qual faz chamadas e recebe mensagens. É considerado algo material pela possibilidade manuseamento.

Pela razão, de os brinquedos fazerem parte do dia-a-dia das crianças e das educadoras, estas tiveram de adotar estratégias para gerir os brinquedos dentro da sala. Pode-se verificar na análise de conteúdo da entrevista EM e da entrevista EI duas estratégias diferentes. Na entrevista EM, foi dito que “a partir do momento que começamos as

atividades, os brinquedos ou ficam na mochila, na caixa ou no bolso.” Já na entrevista EI, foi partilhado uma forma diferente de gestão dos brinquedos na sala. A educadora referiu que “ Nós aqui temos o dia do brinquedo, que eu estipulei três dias, segunda, quarta e sexta, sendo que a sexta é o dia oficial. Segunda estipulei como dia do brinquedo não partilhado e quarta de partilha obrigatória.” Esta comparação permite perceber que a gestão dos brinquedos trazidos de casa, pode ser feita de várias formas e por vezes depende de Instituição para Instituição.

Como já foi referido, o brincar e o jogar contribuem também positivamente para a aprendizagem das crianças, e este é outro aspeto que vários teóricos defendem, e que as educadoras também o sublinham. Muitas delas utilizam uma simples brincadeira ou um determinado jogo para passar conhecimentos às crianças, acreditando que desta forma a aprendizagem se torna mais significativa, pois a transmissão de conhecimentos é feita de forma lúdica. Na perspetiva de Moyles (2002) o brincar permite uma atitude positiva em relação à aprendizagem, mas também há outros autores a partilharem desta mesma ideia, como é o caso de Oliveira (1985 cit. por Salomão; Martini & Jordão, 2007). Este autor acrescenta que se a aprendizagem for feita através das brincadeiras e dos jogos, esta é espontânea e natural. Na análise de conteúdo da entrevista ER (anexo 5), pode-se ver que a educadora disse que através das brincadeiras as crianças “aprendem de uma forma mais lúdica, mais dinâmica.” Mas também na entrevista EC (anexo 7) é referido que “é através do brincar que elas aprendem aquilo que as rodeia.”

No decorrer das brincadeiras, nomeadamente as brincadeiras de natureza livre, vê-se as crianças a criarem situações, a inventar e interpretar personagens tal como defende Lira & Rubio (2014). Estes acrescentam ainda que é nos momentos de brincadeira livre que as crianças se expressam e desenvolvem a sua criatividade. Partilhando da mesma ideia Lopes (2006, cit. por Salomão; Martini & Jordão, 2007) defende que nos momentos de brincadeira as crianças desenvolvem a imaginação e a fantasia, porque representam personagens e acontecimentos que são muitas vezes da sua imaginação. As educadoras de infância têm também a sua própria teoria sobre a criatividade nas brincadeiras das crianças. Na análise de conteúdo da entrevista ES (anexo 8), foi descrito que “a brincadeira promove a 100% a criatividade” e na entrevista EO (anexo 4), foi também mencionado que “a criatividade e a brincadeira são duas coisas que estão sempre de mãos dadas.”

O brincar ao faz de conta, é um tipo de brincadeira que os teóricos, tal Vygotsky (1998) defendem como sendo uma das melhores formas para se observar a criatividade das crianças, e este tipo de brincadeira foi também mencionado no decorrer das entrevistas, por parte de algumas educadoras de infância. Na análise de conteúdo da entrevista EM (anexo 3), é referido que “eles gostam é de brincar ao faz de conta, lutam com os bonecos ou fingem que são carros.”

Em todas as salas de jardim-de-infância, e nos momentos de brincadeira livre, se pode observar que nem todas as crianças preferem o mesmo género de brincadeiras ou de jogos, mas tanto os jogos como as brincadeiras, sejam elas livres ou mais estruturadas, estimulam a interação e a comunicação entre as crianças que estejam na mesma brincadeira ou a realizar o mesmo jogo. Esta ideia é defendida por Wajskop (1999), pois acredita que o momento da brincadeira promove a interação e o confronto de várias crianças com pontos de vista e interesses diferentes. Nas entrevistas realizadas, verificou-se semelhanças no tipo de brincadeiras e jogos preferidos pelas meninas e pelos meninos. A casinha é a área preferida pelas meninas e a área da garagem, dos legos e das construções são as áreas eleitas pelos meninos, tal como se pode verificar na análise de conteúdo da entrevista EO e ER.

Todos estes momentos de brincadeira, e todas as oportunidades para as crianças realizarem jogos têm de ser proporcionados pela equipa educativa da escola, por exemplo, brincar dentro da sala implica uma organização da mesma, bem como uma boa gestão do tempo. Se a sala estiver organizada por áreas de interesse (Hohmann & Weikart, 2009) facilita o momento de brincadeira livre das crianças, assim como a gestão do tempo, consoante a rotina diária. Esta ideia é defendida por Formosinho (2011) que diz que o tempo pedagógico deve ser bem estruturado e deve ir ao encontro das necessidades, gostos e interesses das crianças. Todas as educadoras entrevistadas, planificam a brincadeira livre, sendo que algumas só a realizam se as atividades dirigidas terminarem mais cedo, como consta na análise de conteúdo da entrevista EM (anexo 3), onde a educadora mencionou que “ eu proponho uma atividade mais orientada, e assim que acabam essa atividade, dou-lhes um tempinho livre.” Por outro lado há educadoras, como se pode verificar na grelha de análise de conteúdo da entrevista ES (anexo 8), que diz que “ na minha planificação, eu tenho diariamente brincadeira livre nas áreas de interesse.”

Considero que o tempo destinado à brincadeira livre ou dirigidas deve ser planificada e estruturada na rotina diária de uma sala, para que todas as crianças tenham a mesma oportunidade/tempo para brincarem, independentemente se terminam com mais rapidez a atividade dirigida pelo educador ou não.

A evolução e as alterações nas brincadeiras das crianças, é uma temática que as educadoras de infância, principalmente as que têm mais anos de serviço, se deparam ano após ano e quando questionadas sobre isto dizem que as alterações são significativas. Autores como Lira & Rubio (2014) defendem que, há alguns anos atrás havia mais liberdade para brincar, nomeadamente na rua, do que há hoje em dia, devido à insegurança sentida e aos perigos que as crianças possam estar sujeitas. A análise de conteúdo da entrevista EI (anexo 6), a educadora menciona o facto que “a brincadeira de rua é das mais saudáveis, é onde eles contactam com tudo o que existe realmente e verdadeiramente.”

O ritmo de vida das famílias também sofreu bastantes alterações, e isso verifica-se no tipo de brincadeiras que as crianças têm e no tipo de jogos que fazem. Algumas educadoras também referiram este aspeto nas entrevistas, tal como se pode ver na análise de conteúdo da entrevista EC (anexo 7), a educadora disse “cada vez mais os pais trabalham mais e é muito mais fácil chegarem a casa e dar-lhes um *tablet*.”

O valor que as crianças dão hoje em dia aos brinquedos (Almeida, 2003, cit. por Lira & Rubio, 2014) é reduzida, porque têm imensos e por vezes até repetidos, e por este motivo não exploram o brinquedo ao máximo tirando partido do objeto.

Todos estes aspetos contribuíram para que ocorressem alterações na forma de as crianças brincarem, de explorem o mundo à sua volta e de retirarem aprendizagens das suas vivências e experiências.

Considerações finais

No capítulo anterior, cruzou-se a fundamentação teórica com os dados e informações recolhidas das entrevistas feitas às educadoras de infância e neste capítulo, é o momento de fazer conclusões sobre todo o estudo, e principalmente ver se as questões de investigação obtiveram uma resposta.

Inicialmente, foram apresentadas três questões de investigação, relacionadas com a temática do brincar, nomeadamente o contributo que o brincar tem no desenvolvimento global das crianças e para as suas aprendizagens. A terceira questão, dirigia a atenção para o espaço ou importância que os educadores de infância dão aos momentos de brincadeira e à realização de jogos na rotina diária, mais propriamente se estes profissionais de educação, colocam o brincar e jogar na sua planificação, por lhe atribuírem diversos benefícios.

O brincar é a forma natural pela qual as crianças se expressam, pois elas levam a sua vida a brincar, a imaginar situações, a recriar vivências e a explorar o mundo à sua volta. Para tal, muitas vezes utilizam o brinquedo, este é um objeto que pode ter um significado e objetivo definido, como pode ser algo que a criança imagina, podendo também dar uma nova utilidade a um determinado objeto.

De facto, o brincar estimula o desenvolvimento global das crianças, seja a nível cognitivo, pessoal, social, afetivo, motor, linguístico ou sensorial, sendo que, o brincar e as brincadeiras contribuem positivamente para a formação da personalidade.

A aprendizagem através das brincadeiras e dos jogos lúdicos, torna-se mais duradoura e significativa, pois como as crianças estão a brincar, a fazer algo que lhes dá gosto, a aprendizagem é natural e espontânea. Por este motivo os educadores de infância, quando têm como objetivo passar conhecimentos ao grupo de crianças, devem-no fazer através de situações onde envolvam brincadeiras e jogos didáticos. Por exemplo, um educador que tenha como objetivo estimular competências matemáticas pode realizar vários jogos sobre a temática escolhida para que a brincar as crianças aprendam.

Durante todas as brincadeiras, mas principalmente nas brincadeiras do faz de conta, onde as crianças inventam personagens, criam situações e representam momentos do seu dia-a-dia ou até mesmo do seu imaginário, estão a criar, a explorar o seu lado mais

criativo. A criatividade, não está só presente nas pinturas ou nos desenhos mas também nas brincadeiras e nos jogos que as crianças têm e fazem, de forma livre e espontânea.

As brincadeiras que as crianças têm podem ser livres, quando estas escolhem o que querem fazer, ou estruturadas quando o educador propõe uma determinada brincadeira que tenha regras e objetivos definidos. Isto não significa que a brincadeira livre não tenha regras, pois se as crianças estão dentro de uma sala têm de cumprir as regras estabelecidas para aquele espaço, ou seja a brincadeira livre, é livre no sentido em que a criança tem total liberdade de escolha. O tipo de brincadeira que as crianças têm, altera-se consoante a sua faixa etária, visto que inicialmente gostam mais de uma brincadeira solitária, onde brincam sozinhas e por volta dos quatro/cinco anos o tipo de brincadeira já envolve grupos.

Para que as crianças brinquem, é necessário que tenham tempo para o fazer e por isso é de extrema importância que os educadores coloquem nas suas planificações um tempo destinado apenas às brincadeiras e aos jogos. Verificou-se com este estudo, que nem todos os educadores o fazem, mas permitem que o grupo brinque livremente ou faça jogos após as atividades mais dirigidas, sendo que, irão brincar se as atividades terminarem mais cedo do que o previsto. A organização da sala, é um fator facilitador de todo este momento que envolve as brincadeiras. Geralmente as salas estão organizadas e divididas por áreas de interesse, e por isso quando as crianças querem brincar sabem onde está o material e onde o podem fazer.

O ato de brincar e jogar e forma como as crianças o fazem hoje em dia, é um pouco diferente do que era há alguns anos atrás, e isto deve-se a razões exteriores às próprias crianças. O ritmo de vida das famílias, a insegurança sentida nos espaços públicos, como é o caso da rua e dos jardins, o avanço da tecnologia e o acesso facilitado à mesma, são fatores que originaram todas as mudanças de comportamento durante as brincadeiras e a realização de jogos.

A realização deste estudo permitiu-me ver as ideias que tinha sobre esta temática teoricamente defendidas e esclarecidas, sendo que neste momento tenho ideias concretas e sustentadas. Julgo que o facto de ter realizado as entrevistas, me ajudou a compreender o que os profissionais de educação pensam e defendem sobre esta temática e conhecer as suas práticas, tendo aprendido algumas estratégias e dinâmicas que irei colocar em prática quando tiver tal oportunidade.

Optou-se por realizar apenas entrevistas às educadora de infância que estão a desenvolver a sua prática, mas julgo que seria interessante e benéfico, tanto para a minha aprendizagem como para os resultados obtidos no estudo, se tivesse feito observações, em contexto de sala, aos diferentes grupos a brincar livremente.

No decorrer do estudo, surgiu-me outra ideia de investigação, que se baseava na comparação de dois grupos de crianças com a mesma faixa etária, onde uns aprendiam através de brincadeiras e de jogos lúdicos e dinâmicos e outros adquiriam conhecimentos exclusivamente a partir de fichas e de manuais escolares. Isto aconteceria em contexto de sala de aula e todas as brincadeiras eram proporcionadas pela educadora. O segundo grupo, o das fichas, também brincava, mas no momento de passagem de conhecimentos a educadora optava pelas fichas de trabalho. Gostaria de perceber, no fim desta investigação, qual era o nível de desenvolvimento global das crianças pertencentes aos dois grupos e também efetivamente as suas aprendizagens.

Referências bibliográficas

Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Acedido em 26/05/2015. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/1/Paradigma%20Qualitativo%20e%20Pr%C3%A1ticas%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20Educacional.pdf>

Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. (3ª Edição). Lisboa: Edições 70.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Boní, V. & Quaresma, S. (2005). *Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências sociais*. Revista eletrónica dos Pós-graduados em sociologia política da UFSV. Vol.2 nº1 (3). Janeiro-Julho/2005, pp.68-80.

Brock, A. ; Dodds, S. ; Jarvis, P. & Olusoga, Y. (2011). *Brincar – Aprendizagem para a vida*. Porto Alegre: Artmed Editora S.A.

Ciccone, S. (2013). *Criatividade na obra de D.W.Winnicott*. Acedido em 16/04/2015. Disponível em http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2013-03-08T122356Z-1784/Publico/Soraia%20Dias%20Ciccone.pdf

Dallabona, S. & Mendes, S. (2004). *O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar*. Revista de divulgação técnico científica do ICPG. Vol. 1 nº4. Janeiro-Março/2004, pp.107-112.

Ferland, F. (2006). *Vamos brincar? Na infância e ao longo de toda a vida*. (1ª Edição). Lisboa: Climepsi Editores.

Fortuna, T. R. (2000). *Sala de aula é lugar de brincar?* Acedido em 16/04/2015. Disponível em http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/valeria/texto_sala_de_aula.pdf.

Hohmann, M. & Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. (5ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Júnior, A. & Júnior, N. (2011). *A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos*. Acedido em 16/04/2015). Disponível em <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/200/186>

Kishimoto, T. (1994). *O jogo e a educação infantil*. Acedido em 16/04/2015. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/10745/10260>

Lira, N. & Rubio, J. (2014). A importância do brincar na educação infantil. Revista eletrônica saberes da educação. Vol.5 nº1, 2014.

Moyles, J. (2002). *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed Editora S.A

Nascimento, C. (2004). *Criatividade e brincadeira de faz de conta nas concepções de professores da educação infantil*. Acedido em 20/04/2015. Disponível em http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_arquivos/2/TDE-2007-11-21T122756Z-1102/Publico/Dissert-Cynthia%20Nascimento.pdf

Neto, C. (2003). *Jogo e desenvolvimento da criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana;

Oliveira Formosinho, J. & Andrade, F. & Formosinho, J. (2011) *O espaço e o tempo na Pedagogia em Participação*. Lisboa: Porto Editora

Papalia, D. & Olds, S. & Feldman, R. (2009). *O mundo da criança*. São Paulo: McGraw-Hill

Queiroz, L. (2006). *Pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa: Perspetivas para o campo da etnomusicologia*. Acedido em 26/05/2015. Disponível em http://www.ccta.ufpb.br/claves/pdf/claves02/claves_2_pesquisa_quantitativa.pdf

Queiroz, N.; Maciel, D. & Branco, A. (2006). *Brincadeira e desenvolvimento infantil: Um olhar sociocultural construtivista*. Acedido em 16/04/2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a05.pdf>

Rodrigues, L. (2009). *A criança e o brincar*. Acedido em 16/04/2015. Disponível em http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafios-cotidianos/arquivos/integra/integra_RODRIGUES.pdf

Salomão, H.; Martini, M & Jordão, A. (2007). *A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado*. Acedido em 16/04/2015. Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0358.pdf>

Silva, C. (2003). *O lugar do brinquedo e do jogo nas escolas especiais de educação infantil*. Acedido em 16/04/2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18092003-175503/publico/TESEVIRTUAL.pdf>

Wajskop, G. (1999). *Brincar na pré-escola*. (3ª Edição). São Paulo: Cortez Editora.

Anexos

Anexo 1 – Guião da entrevista

Blocos	Objetivos	Questões	Tópicos
A	Legitimar a entrevista		
B	Conhecer as representações sobre o ato de brincar	1- O que é brincar? 2- Como define brinquedo? 3- Qual a importância das brincadeiras para as crianças? 4- Como é que a brincadeira promove a criatividade? 5- De que forma é que a criatividade está presente nas brincadeiras?	- Definição de brincar e de brinquedo; - Criatividade através das brincadeiras;
C	Conhecer as práticas dos educadores de infância	1- Interage com as crianças quando estas estão a brincar? 2- Costuma observar e retirar informação sobre as crianças, os seus gostos e interesse através das suas brincadeiras? 3- Quais as brincadeiras preferidas do seu grupo? 4- Quais as brincadeiras ou jogos que realiza com objetivo de passar conhecimentos? 5- Planifica jogos orientados para realizar com o grupo? 6- Na sua planificação diária consta momentos de brincadeira livre? 7- Considera que a organização da sala pode facilitar o momento da brincadeira? Como? 8 - Como faz a gestão dos brinquedos das crianças?	- Interação adulto-criança; - Informação retirada das brincadeiras; - Brincar e jogar promove aprendizagem; - Planificação (brincar e jogar); - Organização da sala; - Organização dos brinquedos
D	Compreender as alterações da forma como se brinca hoje em dia	1- Na sua opinião quais as alterações que se fazem sentir na forma como as crianças brincam e no tipo de brincadeiras- 2- Quais as consequências para o seu desenvolvimento? Cognitivo, motor, pessoal e social?	- Alterações das brincadeiras; - Desenvolvimento

Anexo 2 – Exemplo da grelha de análise de conteúdo

Análise de conteúdo		
Categorias	Subcategorias	Unidade de registo

Anexo 3 – Análise de conteúdo da entrevista EM

Análise de conteúdo - EM		
Categorias	Subcategorias	Unidade de registo
Representações sobre o ato de brincar	Brincar	"É fazer o que nos apetece"; " O brincar tem regras, principalmente quando brincamos com alguém ou até mesmo sozinhos, quando brincamos sozinhos impomos as nossas próprias regras." "Eles estão muitas vezes a recriar situações por eles vividas ou por eles presenciadas, fazem um determinado número de papéis."
	Brinquedo	" Brinquedo é o objeto com o qual brincamos, mas que tem um fim específico, se bem que o uso que nós lhe damos pode ser por nós manipulado."
	Criatividade	" Utilizando brinquedos ou objetos que não sejam para aquele fim, propor outra finalidade para os objetos."; "Eles imaginam sempre alguma coisa, podendo ser mais ou menos criativos."
Práticas dos educadores de infância	Interação adulto-criança (durante a brincadeira)	"As crianças vêm ter connosco e envolvem-nos na atividade, mas depende dos miúdos. Há miúdos que é raro virem ter connosco."
	Brincadeiras preferidas	"Gostam de brincar na casinha, até mesmo os rapazes. Fazem comida, utilizam a mesa para jantar ou fazem piqueniques." " Eles gostam é de brincar ao faz de conta, lutam com os bonecos ou fingem que são carros."
	Brincar e jogar na planificação	"É assim, à tarde eu proponho uma atividade mais orientada, e assim que acabam essa atividade, dou-lhes um tempinho livre."
	Organização da sala facilita a brincadeira	"Eu procurei pôr as mesas mais para este lado, para eles poderem brincar, daquele lado, mais à vontade."
	Organização dos brinquedos trazidos de casa	"A partir do momento em que começamos as atividades, os brinquedos ou ficam na mochila, na caixa ou no bolso, senão nem nos ouvem."

Evolução das brincadeiras	Alterações temporais nas brincadeiras	<p>"Sim há alterações, mas também depende muito dos miúdos ";</p> <p>" Um exemplo muito pessoal, dos meus filhos, ele tinha apenas um boneco do homem aranha e ela nem sei se teve uma <i>barbie</i>. Eles não foram habituados a brinquedos, o bocadinho que tinha para brincar, fazíamos jogos.";</p> <p>" Hoje em dia, as crianças ficam a brincar no quarto com os brinquedos, eles brincam sozinhos e por isso o mais fácil é o brinquedo."</p>
Aprendizagem através das brincadeiras e dos jogos	Aprendizagem	<p>"De forma lúdica eles aprendem com mais facilidade. A brincar a brincar eles estão a aprender."</p>
Contributo das brincadeiras e dos jogos para o desenvolvimento	Desenvolvimento	<p>" Principalmente o pessoal e social, se bem que eles ao brincarem e jogarem estão a aperfeiçoar também outras áreas, mas principalmente o pessoal e social. Aprendem a dar a vez ao outro."</p>

Anexo 4 – Análise de conteúdo da entrevista EO

Análise de conteúdo - EO		
Categories	Subcategorias	Unidade de registo
Representações sobre o ato de brincar	Brincar	"É a atividade, por excelência que uma criança tem. É algo que é inato, que nasce quase com elas. Brincar é exteriorizar o que está lá dentro e interiorizar o que está cá fora."; " Para mim, nada tem sentido na primeira infância se não for a brincar."
	Brinquedo	" Um brinquedo é um objeto que deveria ter como função, dar alguma hipótese à criança de imaginar, de criar, de entender, de buscar, de construir e de destruir."
	Importância das brincadeiras	"As brincadeiras estruturam a personalidade, estruturam os movimentos." "As crianças apreendem o que é exterior a elas, e conseguem começar a compreender o seu interior através daquilo que expressam, daquilo que aprendem e da forma como brincam. Através do jogo simbólico e de tudo aquilo que exteriorizam."
	A brincadeira livre e a criatividade	" Eles têm sempre aquela capacidade de criar ou recriar situações."; " O brincar livremente, para mim dá aquela hipótese mesmo de eles criarem."; "A criatividade não só em termos de arte, de fazerem coisas, mas também de criarem soluções para alguns problemas."; " Portanto a criatividade e a brincadeira são duas coisas que estão sempre de mãos dadas."

Práticas dos educadores de infância	Interação adulto-criança (durante a brincadeira)	"Às vezes sim outras vezes não."; " Gosto muito de observar, como é que eles brincam"; "Às vezes vou distribuir papéis."; "Eu vou muitas vezes brincar com eles." ; "Nos jogos também, vou muitas vezes fazer um puzzle, jogos de contagens e aí estou um bocado com eles."; " No recreio também fazemos muitas brincadeiras e aí também intervenho com eles."
	Brincadeiras preferidas	"Os rapazes gostam muito da garagem, dos jogos e dos legos."; "As meninas também gostam dos legos."
	Brincar e jogar na planificação	"Sempre, todos os dias"
	Organização da sala facilita a brincadeira	" Facilita de vários modos."; "Eles escolhem, para terem a capacidade de escolher que também é importante."; "Vão rodando, vão exercitando até no fundo várias funções, ou seja, se estiverem na garagem brincam no chão, se estiverem nos jogos de mesa têm de brincar sentados."
	Organização dos brinquedos trazidos de casa	"Eles podem trazer, desde que não tragam muitos."; "Enquanto não começamos eles podem estar com os brinquedos, com as coisinhas deles, mas quando nós começamos eles poem naquele cesto."

Evolução das brincadeiras	Alterações temporais das brincadeiras	"A essência continua lá, o tipo de brincadeira continua lá, embora que a informação e a própria vida que eles têm é tão diferente daquilo que era antigamente."; "O tipo de desenhos animados da época, influencia as brincadeiras que têm, e a forma como brincam."; " O tipo de vocabulário também mudou imenso"
	Tecnologia	" Eles gostam muito e nós só deixamos trazer os <i>tablets</i> e as <i>psp's</i> um dia por semana. Se houvesse essa hipótese na sala, é claro que escolhiam sempre essa área."
Aprendizagem através das brincadeiras e dos jogos	Aprendizagem	" Com o brincar eles aprendem por imitação, aprendem a parte cognitiva da descoberta, do raciocínio, da curiosidade, projetam as emoções deles. "
Contributo das brincadeiras e dos jogos para o desenvolvimento	Desenvolvimento	"Para mim o brincar é o grande motor do desenvolvimento."; " Uma criança que não brinca é uma criança que fica com uma grande lacuna em termos de desenvolvimento, quer seja motor, cognitivo, de socialização, de linguagem."

Anexo 5 – Análise de conteúdo da entrevista ER

Análise de conteúdo - ER		
Categorias	Subcategorias	Unidade de registo
Representações sobre o ato de brincar	Brincar	" O brincar, é um momento de divertimento, de prazer que as crianças têm. Normalmente dão alegria, dão satisfação e é uma atividade espontânea. Eles podem planear que vão brincar com as bonecas ou com os carrinhos mas é toda uma atividade espontânea."
	Brinquedo	" São objetos que eles utilizam para brincar."; "Podem ser inventados, podem ser criados por eles ou coisas que eles têm que foram compradas."
	A brincadeira e a criatividade	" Eles também têm a capacidade de criar, a partir de uma pequena caixa inventam um camião, uma casa, o que eles quiserem. É uma capacidade inventiva."; " O brincar é muito importante para desenvolver a capacidade de imaginação, de criatividade."
Práticas dos educadores de infância	Interação adulto-criança (durante a brincadeira)	"Às vezes questiono coisas, faço comentários mas depende do estilo de brincadeira que a criança está a fazer, às vezes eles ficam inibidos, ficam envergonhados."; "Às vezes também entro nas brincadeiras."; " Conseguimos conhecer um bocadinho da personalidade e do carácter deles."
	Brincadeiras preferidas	" Elas gostam muito de brincar na casinha."; " Os rapazes gostam mais das construções, dos carrinhos."; " Há algumas crianças que gostam muito de pintar e recortar."

	Brincar e jogar na planificação	"Há sempre um tempo onde eles podem brincar, escolhem o que quer fazer."; "Entre atividades há ali uma meia hora e eles vão brincar."; "Normalmente é sempre depois de uma atividade dirigida que há um tempo de brincadeira."
	Organização da sala facilita a brincadeira	" Tentamos organizar de forma a que tenhamos uma área de brincadeira e uma área de mesas de trabalho."
	Organização dos brinquedos trazidos de casa	"Eles trazem os brinquedos de casa e guardam-nos nas mochilas."
Evolução das brincadeiras	Influência da televisão nas brincadeiras	"As crianças são muito influenciadas pela publicidade, pelas campanhas de marketing."; " Conforme vão aparecendo os filmes na televisão, vão lançando as campanhas de marketing sobre o bonecos. Isto tem tudo influência nas próprias brincadeiras das crianças, desde sempre."; " Eles brincavam aquilo que viam e agora acontece o mesmo, mas de forma mais abrangente."
	Alterações temporais das brincadeiras dentro da sala	"Dentro da sala é igual ao que era."
Aprendizagem através das brincadeiras e dos jogos	Aprendizagem	"Aprendem de uma forma mais lúdica, mais dinâmica. É mais interessante para eles porque é uma coisa que eles gostam de fazer."
Contributo das brincadeiras e dos jogos para o desenvolvimento	Desenvolvimento	" Desenvolvem competências sociais importantes, competências linguísticas e motoras"

Anexo 6 – Análise de conteúdo da entrevista EI

Análise de conteúdo - EI		
Categorias	Subcategorias	Unidade de registo
Representações sobre o ato de brincar	Brincar	"Tem haver exatamente com o que poderemos ser o que quisermos e poderemos fazer o que nos apetecer."; "O prazer de brincar por brincar, onde podemos imaginar e sermos aquilo que quisermos."
	Brinquedo	" É algo que podemos manusear, podemos passar para o brinquedo o que queremos ser."; "É algo que é nosso e é também uma continuação do que queremos que ele seja."
	Importância das brincadeiras	" A brincadeira é quase uma libertação espontânea e genuína da criança."
	Criatividade nas brincadeiras	" A criança pode extrapolar tudo aquilo que lhe apetece, desde o concreto até ao que eles vivenciaram ou imaginaram, ou o que nunca viram."
Práticas dos educadores de infância	Interação adulto-criança (durante a brincadeira)	" Por norma opto por uma postura mais observadora."; " Quando interajo ou interpelo também é com um objetivo específico."; "Conseguimos retirar imensas ilações, muitas delas pertinentes para que possamos atuar, logo direta e assertivamente."; " Outras vezes alerta-nos para situações de casa."
	Brincadeiras preferidas	" Temos muitas meninas na casinha e quando existe meninos é para ser o pai."; "Gostam do desenho livre, eles também no desenho fazem de tudo e descobrimos imensas coisas.";

	Valores e princípios através das brincadeiras e dos jogos	"Todos os jogos têm um fundo valores e princípios, de boa convivência, saber estar."; " Brinco muito com os jogos em termos da felicidade e da amizade." "Constantemente batalho para que eles não se prendam à parte material."
	Brincar e jogar na planificação	"Todos os dias e recuso-me a não ter, de preferência depois do almoço, que é quando estão mais cansados e a rentabilidade é menor, eu prefiro que eles relaxem e brinquem."
	Organização da sala facilita a brincadeira	"Facilita sim."; " Aquelas atividades mais barulhentas estarem completamente afastadas daquelas que possamos esticar mais o pé ou o braço também estarem mais afastadas daquelas que temos de estar mais quietos."; "No meio geralmente ponho as mesas para desenhos livres e jogos de mesa."
	Organização dos brinquedos trazidos de casa	" Nós aqui temos o dia do brinquedo, que eu estipulei três dias, segunda, quarta e sexta, sendo que a sexta é o dia oficial. Segunda estipulei como dia do brinquedo não partilhado e quarta de partilha obrigatória."
Evolução das brincadeiras	Alterações temporais das brincadeiras	"Muitas e infelizmente para pior no meu entender."; "Hoje em dia, a importância que dão ao brinquedo é mínima porque sabem que se aquele se estragar terão logo outro ou então até já têm outro igual em casa."; " Há uma noção de materialismo fácil."
Aprendizagem através das brincadeiras e dos jogos	Aprendizagem	" Há quem dê respostas, mesmo baseado em experiências ali, com eles mas é-lhes proporcionado a resposta. Eu faço ao contrário, fazendo a experiência, eles é que vão dar as respostas, eu depois é que fico com os porquês."; "É uma aprendizagem natural".
Desenvolvimento através das brincadeiras	Brincadeiras de rua	"A brincadeira de rua para mim é das mais saudáveis que existe, é onde eles contactam com tudo o que existe realmente e concretamente. É onde eles

	podem ser e extravasar tudo."; "Socialmente podem conviver com vizinhos, cognitivamente têm a própria natureza."
Contexto de sala	"Desenvolve a imaginação que por sua vez desenvolve a curiosidade, que por sua vez lhes vai proporcionar os porquês."

Anexo 7 – Análise de conteúdo da entrevista EC

Análise de conteúdo - EC		
Categorias	Subcategorias	Unidade de registo
Representações sobre o ato de brincar	Brincar	"Brincar é uma maneira de as crianças se expressarem."; " A brincadeira é o dia a dia deles."; " Brincar é muita coisa, mas sem dúvida é a maneira de estar das crianças."
	Brinquedo	" O brinquedo é o objeto com que eles brincam mas pode ser imaginário."; "É algo material."
	Importância das brincadeiras	"As brincadeiras são muito importantes, porque é através do brincar que elas aprendem, expressam os sentimentos."; "O brincar para elas é fundamental para perceberem o mundo dos crescidos."
	Criatividade nas brincadeiras	" As crianças são muito criativas desde cedo, para elas tudo é criatividade."; " A criatividade está sempre presente nas brincadeiras deles, através do jogo simbólico, através da experimentação de papéis simbólicos."; "Através de um jogo eles exploram a criatividade quando imaginam que são algo e dão largas à imaginação e viajam para o mundo imaginário deles."
Práticas dos educadores de infância	Interação adulto-criança (durante a brincadeira)	" Interaço com eles porque eles também nos pedem muito"; " Muitas vezes sento-me num canto da sala a observar."; " É através do brincar que nós educadores percebemos como é que eles estão, a maneira de estar."; "Percebemos o estado de espirito, a maneira de socializar, a maneira de resolver conflitos, a interação com os amigos."

Brincadeiras preferidas	"As brincadeiras preferidas deles, é o jogo simbólico, é imitar a mãe, o pai"; "Eles já veem alguns desenhos animados, eles adoram ser os heróis ou as heroínas, ou um ídolo."; "Uma das áreas que eles recorrem muito é a casinha."
Conhecimentos através de brincadeiras ou jogos	"A maneira pela qual lanço as atividades é sempre através de brincadeiras e jogos lúdicos."
Brincar e jogar na planificação	"Na minha planificação diária está a brincadeira livre e os jogos, isso está presente todos os dias."
Organização da sala facilita a brincadeira	"A função da sala estar dividida por áreas, serve também para eles terem uma brincadeira organizada."; " Nem todas as áreas apareceram logo no início do ano, vou muito ao encontro do que eles querem e das necessidades que eu sinto que o grupo tem."
Organização dos brinquedos trazidos de casa	" Eles só trazem à sexta-feira, é o dia do brinquedo."; " Eles trazem brinquedos de casa para saberem partilhá-los."
Sem brinquedos na sala	"Houve um grande período de tempo que estivemos sem brinquedos na sala."; "Tirei jogos, livros, só tínhamos móveis e cadeiras. Isto porque estava a sentir o grupo muito agarrado aos objetos e não eram criativos."; " Serem criativos com objetos é muito mais fácil para eles, então vamos tirar esses objetos e vamos puxar pela cabeça."; " Cheguei à conclusão que não havia tantos conflitos, começaram a brincar muito mais uns com os outros e sem dúvida que ficaram muito mais criativos."
Evolução das brincadeiras	Alterações temporais das "Cada vez mais os meninos estão egocêntricos, muito materialistas e depois

	brincadeiras	estamos na geração <i>tablet</i> ." "As crianças não brincam, sentam-se muito em frente a um computador ou <i>tablet</i> ."
	Ritmos de vida	"Cada vez os pais trabalham mais e é muito mais simples chegarem a casa e dar-lhes um <i>tablet</i> , não é por opção mas há rotinas que os pais têm de fazer."
Aprendizagem através das brincadeiras e dos jogos	Aprendizagem	" Eles só aprendem se houver brincadeira e desde que seja lúdico porque se for uma situação maçadora para eles, eles não vão interiorizar."; " É através do brincar que elas aprendem aquilo que os rodeia"
Desenvolvimento através das brincadeiras	Brincadeiras de rua	" Não se vê praticamente, mas porque também cada vez há mais perigos. Apesar de antigamente haver os mesmos perigos, agora os pais estão mais informados
	Contexto de sala	" É através das brincadeiras que eles se relacionam, experimentam os medos e receio e é muitas vezes através das brincadeiras que lhes damos auto estima quando eles conseguem fazer."

Anexo 8 – Análise de conteúdo da entrevista ES

Análise de conteúdo - ES		
Categorias	Subcategorias	Unidade de registo
Representações sobre o ato de brincar	Brincar	" O brincar, considero que é inicialmente uma descoberta da criança, dela própria e do meio que a envolve e depois à medida que ela vai crescendo vai começando a ser um ato que ela realiza com o outro."
	Brinquedo	"O brinquedo é um objeto, é tudo aquilo que a criança agarra, tudo aquilo que a criança, tudo aquilo que a criança vai buscar e que lhe permite explorar o mundo que a rodeia, que a faz descobrir e explorar os cinco sentidos."
	Importância das brincadeiras	"Antes de todas as brincadeiras as crianças têm de brincar."
	Criatividade nas brincadeiras	"A brincadeira promove a 100% a criatividade deles, a imaginação, sem falar da comunicação, do modo de se expressarem e de se relacionarem."
Práticas dos educadores de infância	Interação adulto-criança (durante a brincadeira)	" No início do ano letivo em que há sempre aquele período de adaptação, acho importante que o adulto entre nas brincadeiras deles, até por ser um meio facilitador da adaptação."; " A partir do momento em que eles já estão habituados, gradualmente os vou deixando brincar livremente."; " Percebemos os gostos deles, se são afetivos uns com os outros e se partilham brinquedos."
	Brincadeiras preferidas	"Este grupo circula muito pela sala, não tenho nenhuma área que eles digam que não vão."

	Conhecimentos através de brincadeiras ou jogos	" Qualquer tipo de conceito, qualquer tipo de noção que nós educadores queiramos passar para os nosso meninos deve sempre partir daquilo que é lúdico."
	Brincar e jogar na planificação	"Planifico jogos orientados"; " Na minha planificação eu tenho diariamente a brincadeira livre nas áreas de interesse."
	Organização da sala facilita a brincadeira	" A sala estar organizada por áreas, ajuda a organização e estruturação do pensamento deles."
	Organização dos brinquedos trazidos de casa	"Este grupo gosta muito de trazer brinquedos"; " Acabei por decidir que o meu grupo poderia ter dois dias por semana que pudessem trazer especificamente um brinquedo de casa para puderm partilhar com o amigo, é à quarta e à sexta."; "Quando começa o nosso dia na sala, os brinquedos são colocados na caixa dos brinquedos."
Aprendizagem através das brincadeiras e dos jogos	Aprendizagem	" Muitas das aprendizagens que a criança vai adquirindo surgem efetivamente através do brincar e da brincadeira."
Desenvolvimento global	Desenvolvimento através do brinquedo	" O brinquedo potencializa todas as áreas do desenvolvimento, em termos psicomotores, eles podem trabalhar inúmeras noções. Em termos de linguagem, nem se fala, porque eles estão sempre a comunicar com esse brinquedo."